

**A DIMENSÃO do CUIDAR na
re-significação do espaço público
*Com Maria de Lourdes Pintasilgo em Fundo***

LISBOA, 25 de Junho e 10 de Julho
ÉVORA, 26 e 27 de Junho

PROGRAMA E RESUMOS

**25 de Junho
Centro Nacional de Cultura – Lisboa**

**11.00 h – Hans Opschoor : *Caring for future generations and biodiversity:
earth ethics and some implications for structuring the global public
domain***

In this paper Hans Opschoor considers how society can extend the concern over the common good to include not only future generations of humans, but also other parts of Earth's biodiversity. He explores some moral philosophy and/or ethics based approaches to this, in a context of rights and responsibilities or duties that humans have (or could consider having!), and see how that should influence the way societies today shape their public spaces.

Prof. Dr J.B. Opschoor, former rector and emeritus professor of the Economics of Sustainable Development, Institute of Social Studies, the Hague; emeritus professor of Environmental Economics, Free University, Amsterdam; member UN Committee for Development Policy; member Royal Netherlands Academy of Sciences.

**14.00 h – Silvério Rocha e Cunha: *A re-significação do espaço público em
Hannah Arendt: actualidade do seu pensamento num mundo global***

Surgindo o poder através da comunicação, é o “espaço público” o lugar por excelência onde se exhibe a vida democrática. Este espaço público é, em qualquer caso, um espaço de intersubjectividade. Ora, após a pulverização do espaço público moderno, criação maior do liberalismo burguês, pela sociedade de massas, após a sua destruição pelo poder sistémico das tecnodemocracias, e vivendo-se actualmente um processo de globalização tecnoeconómica, qual a actualidade do pensamento de Hannah Arendt? Sustenta-se que a defesa de Arendt da pluralidade como lei da Terra transforma o espaço público no lugar por excelência onde se pode viver a essência da democracia, isto é, a sua capacidade de se organizar na indeterminação. Mas não é esta a crítica maior

dos tempos em que vivemos, que pretendem fixar politicamente os indivíduos em paradigmas sistémicos e procedimentais?

Silvério da Rocha-Cunha é doutorado em teoria jurídico-política. Professor associado da Universidade de Évora. Membro do NICPRI. Tem publicado estudos em torno de temas de teoria e filosofia do Direito, do Estado e das Relações Internacionais.

15.00 h – Teresa Toldy: *O cuidado e o espaço público*

A comunicação procurará enquadrar a relação entre o cuidar e o espaço público na tensão/oposição entre o conceito de “compaixão”, de Martha Nussbaum, e o conceito de “vulnerabilidade”, de Judith Butler. A questão de fundo que se coloca é a da possibilidade e das formas de passagem dos círculos pessoais de solicitude para o domínio público e para o entendimento deste como global e/ou universal. Veremos que, enquanto Martha Nussbaum defende um cosmopolitanismo baseado na ideia de compaixão e de imaginação cultural, Judith Butler considera que a ideia da vulnerabilidade mútua constitui a premissa para o trabalho de tradução que dá a fala aos sem fala, ao mesmo tempo que expõe a alteridade da norma (a ideia de um universal que é posto em causa por excluir aquele que põe em causa a universalidade em si mesma). Por fim, ensaiar-se-á uma abordagem crítica, na qual se convocarão outros autores, nomeadamente, dos estudos pós-coloniais.

Teresa Maria Leal de Assunção Martinho Toldy, Doutorada em Teologia Feminista pela Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt), Mestre e Licenciada em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa. Professora Associada da Universidade Fernando Pessoa, onde é docente de Ética e investigadora do Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento (da mesma Universidade), na área da cidadania e do género. Colaboradora do CES (Universidade de Coimbra). Vice-Presidente da APEM. Endereço electrónico: toldy@ufp.edu.pt

PAINEL

16.30 h -18 h

Coordenadora: Maria de Fátima Grácio

COMUNICAÇÕES:

- Adérito Gomes Barbosa: *O cuidado no enquadramento ético*
 - Paula Borges Santos *Fronteiras da militância e da cidadania em Maria de Lourdes Pintasilgo*
 - Idalina Sidoncha: *A proposta revisionista de Carol Gilligan: o contributo para uma ética do cuidado*
 - Paula Silva: *Urgente: Diversidade de acções para cuidar a Biodiversidade*
-

Adérito Gomes Barbosa : *O cuidado no enquadramento ético*

Se todos falamos de ética da justiça (Adela Cortina), parece-nos que há que sublinhar também a outra face da medalha, ou seja, a ética da gratuidade (Paul Ricoeur).

Quer a ética da justiça, quer a ética da gratuidade pode ser concretizada na chamada ética do voluntariado (Agustin Moratalla).

Entre outros autores (Collière, Hesbeen, Honoré), podemos apontar Martin Heidegger como o filósofo do cuidado.

É evidente que a ética de presença, a ética do respeito, a ética da responsabilidade e a ética do compromisso (Lickona) não se podem dispensar neste discurso do cuidado.

Mesmo todo o discurso de Séneca (De Beneficiis) sobre a bondade aproxima-se muito da ética do cuidado.

Adérito Gomes Barbosa, natural de Crestuma, Vila Nova de Gaia, doutorou-se em Teologia Pastoral pela Universidade Pontifícia de Salamanca (Espanha) em 1993, com a tese: Jovens portugueses e nova evangelização (publicada na UCP – Porto em 1994). É doutorado também em Ciências da Educação (2006), pela UCP de Lisboa, onde lecciona na Faculdade de Educação e Psicologia. A tese de doutoramento em Ciências da Educação - o valor da gratuidade na educação dos jovens - enquadra-se na especialidade da formação pessoal e social. Tem cerca de 40 publicações editadas. As suas duas últimas publicações: Onde está a felicidade? E a obra Coração Grande.

Coordenou a publicação da obra de Josefa Cordovilla Pérez (2009). Cosmovisão cristã para uma ética global. Lisboa/Maputo: Paulinas, para português, com um prefácio que se encontra no seu site pessoal. Esta obra é um bom contributo para podermos entender a ética e a cultura em Moçambique, nomeadamente nos bantus, macuas e lomwé.

Prepara a publicação de um livro sobre o voluntariado. É presidente da Associação de Leigos Voluntários Dehonianos (ALVD), assim como o Coordenador Nacional da Família Dehoniana. Exerceu o cargo de Director Nacional da Pastoral Juvenil no SNEC de 1985 a 1990, onde também colaborou na feitura dos textos de EMRC. Para mais informações pode consultar o meu site pessoal: www.aderitus.pt.vu.

Paula Borges Santos: *Fronteiras da militância e da cidadania em Maria de Lourdes Pintasilgo*

Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004), destacada personalidade do laicado católico em Portugal, atravessou três fases distintas da história política portuguesa: uma de vigência do Estado Novo (1950-1974), outra com a ruptura introduzida pelo golpe militar do 25 de Abril de 1974 e o período de transição para a democracia (1974-1976), e, por fim, os anos de consolidação da democracia representativa em Portugal (1976-2004).

Ao longo de todo esse período temporal, surgiu enquanto figura pública em diferentes conjunturas sociais e políticas. No exercício das mais variadas funções, em que exerceu cargos de liderança quer nos movimentos católicos quer nos lugares de Estado, Maria de Lourdes justificou sempre os seus

envolvimentos sociais, culturais e políticos a partir da sua pertença cristã e da vinculação à Igreja Católica.

Socializada no quadro de uma cultura política nacionalista e de um modelo católico de presença na sociedade, assente na estratégia de recristianização e no unionismo católico, Maria de Lourdes transformou o exercício da sua cidadania, por via da sua presença no meio internacional católico, na valorização da pluralidade e da democracia, integrando-se mal em sociabilidades partidárias, mas revelando apetência por abordagens sistémicas e globais de “repolitização” do social, do económico e do cultural, a partir de uma clara motivação confessional que conferiu indelével originalidade ao seu percurso cívico e político.

Paula Borges Santos é mestre em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolve actualmente o seu doutoramento. É investigadora integrada do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa e investigadora colaboradora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Assume os cargos de coordenadora do Centro de Documentação e de Publicações e de Secretária-Geral na Fundação Cuidar O Futuro. Publicou *Igreja Católica, Estado e Sociedade (1968-1975)* (ICS: 2005), além de outros estudos em obras colectivas e revistas da especialidade.

Idalina Sidoncha: A proposta revisionista de Carol Gilligan: o contributo para uma ética do cuidado

Pretende-se fazer uma reflexão acerca de uma problemática hodierna, como é a da discussão da natureza feminina, da sua especificidade ou identidade.

A interlocutora privilegiada do trabalho será Carol Gilligan, um dos vultos mais marcantes no que respeita a uma nova orientação moral. Para que essa nova orientação possa ganhar forma, é necessário que se promova a participação das mulheres em questões como a ética e a moralidade, de forma a poder rever os até então dominantes paradigmas morais.

No trabalho pretendemos também chamar à colação a questão de uma especificidade feminina, que obviamente se não coaduna com a existência de um padrão ético que dilua as diferenças entre homens e mulheres, bem como articular esta temática com aquele que foi o contributo deixado por Maria de Lourdes Pintasilgo.

Idalina Sidoncha é licenciada e mestre em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa, onde é actualmente doutoranda e bolsista da FCT

Paula Silva: Urgente: Diversidade de acções para cuidar a Biodiversidade

A taxa de extinção das espécies é hoje cerca de 1000 maior que o ritmo natural. Governos, ONGs, empresas, municípios, consumidores, todos podem desenvolver acções para tentar travar esta perda de biodiversidade. Na apresentação serão divulgadas algumas iniciativas em curso ou em

desenvolvimento em Portugal e a nível internacional, que procuram cuidar o futuro da biodiversidade no nosso planeta.

Paula Lopes da Silva, nascida em Lisboa em 1966, licenciou-se em Biologia na Faculdade de Ciências de Lisboa e frequentou o Mestrado de Gestão e Ecologia de Recursos Marinhos na Faculdade de Ciências e Tecnologia, tendo desenvolvido investigação em ecologia de estuários, nomeadamente fauna bentónica. Iniciou o seu trabalho profissional na ONG Liga para a Protecção da Natureza e posteriormente foi dirigente dessa associação. Complementou a sua formação nas áreas de gestão ambiental, qualidade, ruído ambiental e educação ambiental. Fez consultoria para diversas empresas e colaborou na recolha e tratamento de dados para o primeiro Livro Branco da Ciência em Portugal. Trabalhou como Chefe de Ambiente na Parque Expo S.A. no âmbito da Expo'98, e desde 1999 trabalha como técnica superior no Sector de Ambiente da Câmara Municipal da Moita. No presente ano tem desenvolvido várias actividades de educação ambiental sobre biodiversidade e está a desenvolver o projecto Bio-Local - Diversidade de Acções para a Biodiversidade.

Tem desenvolvido actividade privada, enquanto *Humaneasy Consulting*, organizando ou co-organizando eventos nas áreas do ambiente, energia, turismo sustentável, bem como software livre e usabilidade, e ultimamente um ciclo internacional de conferências sobre transparência e responsabilidade nas organizações da sociedade civil.

Participa em associações a nível europeu, nacional e local: é representante das ONGA portuguesas membros da Federação Europeia EEB (European Environmental Bureau) no órgão directivo dessa Federação; foi dirigente nacional da Quercus em 2006 e 2007 e colabora como voluntária em matérias relacionadas com políticas europeias e assuntos internacionais, em particular na área da biodiversidade, tendo co-organizado um seminário sobre *Business and Biodiversity* com a Fundação Cuidar o Futuro em 2007, bem como participado num projecto internacional em 2008 sobre o mesmo tema. A nível local, integra os corpos sociais de uma associação dedicada à história local e recreação histórica, com sede na Moita, Concelho onde reside.
paulalopessilva@gmail.com

26 de Junho
Colégio Espírito Santo, sala 131 – Évora

PAINEL

10.30h -13h

Coordenadora: Fernanda Henriques

COMUNICAÇÕES:

- Teresa Santos: *Cuidar do Pensar: um projecto de Filosofia para Crianças*
 - Ana Tavares: *O governo dos 100 dias de Maria de Lourdes Pintasilgo: uma primeira abordagem*
 - Eveline Monteiro da Silva, *Do cuidado em meio escolar*
 - Marijke de Koning: *AFFECTO INCLUSIVO: Persistências do Cuidar no Século XXI*
-

Teresa Santos: *Cuidar do Pensar: um projecto de Filosofia para Crianças*

A comunicação proposta estrutura-se do seguinte modo: 2 momentos breves e um momento longo.

Momento breve I: Determinação da Filosofia para Crianças no quadro disciplinar da Filosofia. A questão do ‘género confuso’ (Clifford Geertz, 1994)

Momento breve II: Linhas de Identidade de Filosofia para Crianças (iniciação à actividade interpretativa: a escuta e a fala; re-significação de “pensar com”)

Momento longo: Apresentação do projecto “*Toca e foge. Uma prática para cuidar do pensar.*”

De *Toca e foge*, uma peça teatral infantil de António Torrado, deriva parcialmente o nome deste projecto de Filosofia para Crianças. Trata-se de um texto dramático pleno de imaginação que, centrado no real, promove a reflexão social, colocando em questão o ser e o parecer. António Torrado monta um enredo de busca e fuga entre Maiumbela Cerebrino (o Mago) e Galopim, o qual termina na resolução do conflito gerado entre as personagens.

Em *Toca e foge* destaca-se a dinâmica própria do jogo do apanha – jogo tradicional que desenvolve a agilidade, a destreza, a capacidade interpretativa dos movimentos corporais e a capacidade de antecipação –. Tal dinâmica é extensível aos exercícios de pensar e dialogar, ambos suportados na busca de argumentos para tomada de posição e na superação (fuga) de posições infundamentadas e insuficientes. Adverte-se, por conseguinte, que do conjunto sintagmático “toca e foge” o lexema “foge” não corresponde à ideia de abandono, o que por aproximação sinonímica seria admissível. Em Filosofia não se foge, abandonando os argumentos. Eles são a base propositiva do trabalho filosófico que procura “apanhar” argumentos, os próprios e os dos outros, tomando-os em consideração e discutindo-os em grupo. A fuga tem aqui um outro sentido. Consiste em não se deixar apanhar, mantendo-se

flexivelmente à solta para continuar a pensar dialogicamente, uma constante da racionalidade humana que desde cedo urge aprender a cuidar.

Teresa Santos é doutorada em Filosofia da Educação e Docente da Universidade de Évora.

Ana Tavares: *O governo dos 100 dias de Maria de Lourdes Pintasilgo: uma primeira abordagem*

No dia treze de Julho de 1979, o, então, Presidente da República, General Ramalho Eanes, transmite ao país, numa comunicação televisiva, a sua decisão de dissolver a vigente Assembleia da República e a de marcar eleições legislativas intercalares.

Esta deliberação vem no seguimento do insucesso dos III e IV Governos Constitucionais a nível de entendimento político partidário em conjugação com a Assembleia da República.

No dia dezanove do mesmo mês, o Presidente da República torna público o nome da personalidade que irá liderar o próximo executivo, tendo sido Maria de Lourdes Pintasilgo a figura escolhida para Primeira-ministra do V Governo Constitucional.

O cerne do projecto em que esta intervenção se insere é o de auscultar a imprensa com o objectivo de descobrir que imagem ou imagens de MLP, terão ficado plasmadas nesses veículos de informação. Nesse sentido, esta comunicação em especial, propõe-se encontrar evidências de:

-aclamação, desconfiança ou neutralidade, sobre a figura de MLP face à sua recente indignação

-antevisão positiva, negativa ou neutra face à governação que se avizinha

Para tal, foram analisados 4 semanários: o *Expresso* e *O Jornal* correspondentes a 2 fins de semana - o da indignação de MLP e o da semana seguinte.

Ana Tavares é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Lisboa e está a terminar o Mestrado em questões de Género e Educação para a Cidadania na Universidade de Évora. É Docente do Ensino Básico e Secundário.

Eveline Monteiro da Silva, *Do cuidado em meio escolar*

Do Outro falam os tempos que atravessamos. Ao cuidado pelo Outro apelam. A revolução social em curso, impulsionada pela desregulação económica a nível internacional, é pautada pela tomada de consciência da importância de Gaia. O que nos une indiscutível e incondicionalmente é a nossa condição de seres humanos e o cuidado essencial, matricial, como o designa Boff, que nos é inerente. O que nos une é o «humanismo do outro homem» levinasiano. Um apelo claro aos modos de re-significar o espaço público e o privado, assim como de fazer emergir uma nova consciência em Gaia tornou-se imanente.

Em meio escolar, esta deriva social ganha particular relevância. Em Portugal, nos últimos três anos, crescem a esta situação alterações em política

educativa, de carácter puramente tecnicista, que originaram profundas mutações no tecido organizacional das escolas, não cuidando os aspectos humanos e a dimensão social envolvida, levando-nos a questionar o modo como se revê a noção de cuidado em meio escolar, essência primeira do acto de ensinar. É neste contexto, que, em sede de Doutoramento em Ciências da Educação, em curso, na área da Pedagogia Social, na Universidade Católica Portuguesa, sob orientação do Professor Doutor Adérito Barbosa e da Professora Doutora Isabel Baptista, me senti impelida a compreender como é que o cuidado se desvela, actualmente, em Portugal, neste espaço público privilegiado que é a escola, atendendo às perspectivas de todos os membros que constituem a comunidade escolar e que significados assume.

Eveline Maria de Filomena Azevedo Monteiro Silva, aluna do Curso Avançado de Doutoramento da Universidade Católica Portuguesa (UCP), em Ciências da Educação - área de Pedagogia Social, mestre em Ciências da Educação – Especialização em Educação Especial na área dos problemas de comunicação e linguagem e surdez e escolarização, pela UCP (2001-2004) e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas - Variante de Estudos Portugueses e Ingleses – Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Secretária em meio empresarial (1979 a 1986), professora de português do ensino secundário, (1986-1998) e professora de Educação Especial, em situação de destacamento (1998-2008). Áreas de interesse: cuidado e hospitalidade em meio escolar, *ethos* escolar, axiologia educacional, intervenção sócio-educativa, acolhimento, pedagogia social, redes sociais, economia solidária, literacia, literatura. Línguas: Inglês (fluyente) Bons conhecimentos de Francês. Conhecimentos de Alemão, Catalão, Espanhol, Italiano e crioulo de Cabo Verde. TIC (utilizadora). Aptidões e competências sociais: boa capacidade de diálogo e comunicação, espírito de equipa, capacidade de adaptação a ambientes multiculturais, capacidade de liderança, sentido de organização. evelinemon@gmail.com

Marijke de Koning: AFECTO INCLUSIVO: Persistências do *Cuidar* no Século XXI

Num primeiro tempo procura-se definir *Afecto Inclusivo* e explicar a razão pela qual se prefere usar estes termos em vez da palavra *Amor*.

Num segundo tempo cria-se um fundo de vozes, que têm autoridade em termos de *Afecto Inclusivo*, autoridade, “Gezag” em Neerlandês, palavra que significa “ter alguma coisa a dizer”. São vozes que se perfilam num espaço público onde se faz agir o *Cuidar*.

Num terceiro tempo procura-se responder à pergunta que é preciso colocar na agenda política de uma *polis* de dissidentes do *status quo*: “Como promover o desejo de *Afecto Inclusivo* para que o *Cuidar* possa persistir?”

Mas antes destes três tempos refere-se brevemente como Maria de Lourdes Pintasilgo foi uma presença importante na vida da autora.

Marijke de Koning é coordenadora do Programa de Investigação e Intervenção *Literacia-Mulheres-Liderança* da Fundação Cuidar O Futuro e integra o seu Conselho de Curadores.

Trabalha desde há vários anos no movimento internacional *Graal*. Entre 1989 e 2004 animou, em conjunto com Maria de Lourdes Pintasilgo, a Rede Europeia *Lien*, uma rede de jovens mulheres profissionais. Actualmente integra o *International Study Centre* do Graal em Utrecht.

Em 2006 foi publicado pelas Edições Afrontamento o seu livro *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, em que relata a sua história de formação enquanto Sujeito-Mulher no *Graal*, no âmbito de diversos projectos e programas de educação para o desenvolvimento e conscientização de mulheres.

É membro do Instituto Paulo Freire de Portugal e do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCE) da Universidade do Porto (UP).

15.00 h – Maria Teresa Lopez de la Vieja: A problemática do cuidar na perspectiva das éticas feministas

En el año 2010, la Comisión de las Comunidades Europeas evaluará el estado de la biodiversidad, de la pérdida de la biodiversidad, en los países de la Unión, de acuerdo con la Estrategia para el desarrollo sostenible (SDS). Este plan de acción fue acordado en el 2001, con objeto de frenar el deterioro del ecosistema, la pérdida de especies y, en general, el deterioro del capital natural. Uno de los objetivos de la Conferencia de Malahide era este, situar la biodiversidad en la agenda política, con objeto de evitar la actual tendencia negativa. Las futuras generaciones tendrán problemas serios para sobrevivir en un entorno destruido y mermado en su diversidad. En este contexto, se ha ido abriendo paso la conciencia de que los humanos somos tan sólo “administradores” o cuidadores temporales de los recursos naturales. En este mismo contexto se sitúan aquellas teorías, que proponen extender las actitudes de cuidado a las relaciones de la especie humana con otras especies y con el medio natural. Sin embargo, el principio del “cuidado” sólo puede abordar una parte de los problemas relacionados con la biodiversidad y, en general, con el medio ambiente. Hacen falta otros principios - la justicia, la precaución – para entender y, en su caso, resolver dificultades que afectan al capital natural y, también, al capital social. Es decir, lo natural es también un asunto que concierne a la esfera pública y, por tanto, requiere mucho más que un cambio en las actitudes – el cuidado -; necesita una mejor distribución de recursos y garantías para el ejercicio efectivo de los derechos fundamentales. De acuerdo con esto, aquí se van a defender dos hipótesis: (a) La Ética del cuidado de C. Gilligan permite ampliar el punto de vista moral, ya que habla con “otra voz” de los dilemas prácticos y, además de esto, constituye una interesante aportación a los debates sobre casos difíciles. Las éticas feministas han incidido en este aspecto, el potencial del cuidado en Bioética y Ética médica. (b) El cuidado es, no obstante, un principio limitado para analizar temas que se refieren a problemas de distribución de recursos, a situaciones de completa asimetría,

deberes imperfectos, acceso a bienes públicos y, en general, a la dimensión social y política que tienen las cuestiones ambientales. La degradación de la biodiversidad y del medio es un problema importante.

Desde el 2001, así lo reconocen las instituciones de la Unión Europea. Pero no es tanto un problema de cuidado como de voluntad política, para las instituciones y para los ciudadanos europeos. Lo personal es político y, por lo mismo, lo natural debe ser parte de la agenda política.

M^a Teresa López de la Vieja é Catedrática de Filosofía Moral na Universidad de Salamanca. Obras mais importantes: *Educación en bioética, La igualdad como compromiso, bioética y feminismo, Ciudadanos de Europa, Feminismo: del pasado al presente, Ética y Literatura.*

tlv@usal.es

PAINEL

17h-19h

Coordenadora: Maria Helena de Koning

COMUNICAÇÕES:

- Ana Carina Vilares: *Ratio et Cordis. As razões de uma razão cordial em Adela Cortina*
- Marília Carrilho: *O cuidado como ser e o cuidado como agir*
- Lurdes Santos: *Amor Mundi: na senda do público e do privado*
- Rosângela Lorena: *Um caminho a seguir*
- Paula Luís: *As Novas Oportunidades: uma oportunidade de uma Cidadania renovada*
- M^a do Céu Pires: *O conceito de esfera pública no pensamento de Adela Cortina*

Ana Carina Vilares: Ratio et Cordis. As razões de uma razão cordial em Adela Cortina

Numa das suas mais recentes obras – *Ética de la razón cordial: educar en la ciudadanía en el siglo XXI* – Adela Cortina reitera o diálogo audível, e profícuo para as sociedades de hoje, entre a razão – fundação moderna do saber e do agir - e o coração – espaço da afectividade e do cuidado, da *inteligência sentiente*. Segundo a postura da filósofa “as razões que a própria razão desconhece”, as razões do coração, trazem consigo o reconhecimento de que existem outras dimensões do ser humano a ter em conta aquando do seu juízo moral: a dimensão da cordialidade, da compaixão, sem a qual a pessoa de carne e osso jamais avaliará e distinguirá a acção justa da acção injusta, a norma correcta da norma incorrecta. Neste horizonte, a aproximação entre as grandes declarações universais dos direitos humanos e a acção moral concreta só será efectiva e/ou real quando escutarmos em nós próprios/as a voz da razão e do coração, a voz da justiça e da compaixão, já que é nesse diálogo

ético, refere a filósofa, que se reconhece a verdadeira interacção entre os valores éticos universais e a praticidade concreta da acção humana, porque, e pela sua voz: “ninguém entende a justiça sem sentir compaixão”.

Ana Carina Vilares é Licenciada em Filosofia e Mestre em Ciências da Educação - vertente Questões de Género e Educação para a Cidadania - pela Universidade de Évora. Defendeu em Março de 2009 o trabalho investigativo com o título "Adela Cortina e os Percursos de uma Cidadania Inclusiva" no contexto do Mestrado. É membro da Rede de Jovens para a Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres e, nesse panorama, a maior parte dos seus trabalhos e práticas investigativas versam sobre Ética, Igualdade de Género, Educação e Participação Política das mulheres.

Marília Carrilho: *O cuidado como ser e o cuidado como agir*

A presente comunicação tem como objectivo tratar a noção de cuidado em duas acepções: a de constituição ontológica do ser humano, no seu existir; e a de modo de agir do próprio ser humano, tendo em conta a sua necessária coexistência em sociedade. Estas perspectivas do cuidado serão abordadas tendo em conta que Maria de Lourdes Pintasilgo, política, foi leitora de Heidegger, filósofo. Nesta medida, pretender-se-á desocultar alguma desta influência da noção de cuidado em Heidegger sobre o pensamento social e político de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Marília Rosado Carrilho é docente do ensino secundário. Licenciou-se em Filosofia em 2002, pela Universidade de Évora. Durante a licenciatura foi bolseira do programa de cooperação internacional Sócrates/Erasmus na Universidade de Liège (Bélgica). Actualmente é aluna do curso de mestrado em Filosofia, na especialização Ética, Género e Cidadania, pela Universidade de Évora.

Lurdes Santos: *Amor Mundi: na senda do público e do privado*

Arendt, apesar de não gostar de ser apelidada de “filósofa”, muito contribuiu para que certas categorias (natalidade, labor, trabalho/obra, acção, liberdade, autoridade) fossem reformuladas e postas em questão a partir da sua etimologia. Ela propõe-nos um novo olhar, um olhar original em que cada ser humano se pode sentir verdadeiramente um elo de ligação numa constelação estelar entre os seus iguais.

Nesta comunicação pretendo abordar temas centrais do pensamento arendtiano, explicitando, por um lado, que a esfera pública, onde o ser humano aparece através do nascimento, é o espaço onde o discurso se exerce entre iguais, numa pluralidade de singularidades, que exercem a sua liberdade através do diálogo. E, por outro lado, que a esfera privada, que mostra o ser humano à mercê das necessidades, o leva a procurar libertar-se das relações familiares, para assim, corajosamente, aceder a um mundo público comum, de partilha entre iguais.

O meu contributo para o esclarecimento destes temas procurará realçar a importância do mundo, como um espaço de encontro e de relações, que

fortificam o agir humano. Neste contexto, a noção de cuidado deve aparecer e prevalecer num espaço de liberdade, onde a coragem para agir e perdoar é fundamental, por permitir o surgimento de uma cadeia de novos inícios.

Lurdes Santos é licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto e docente do Ensino secundário. Está a terminar o mestrado em Filosofia na universidade de Évora.

Rosângela Lorena: *Um caminho a seguir*

O título dessa intervenção é: UM CAMINHO A SEGUIR. O cerne do discurso, é uma questão levantada por um repórter enquanto este, entrevistava Maria de Lurdes Pintassilgo, por ocasião de sua passagem pelo Brasil em 31 de Agosto de 1994. A questão foi: “*Como a senhora define qualidade de vida no mundo de hoje?*”

A resposta dada por MLP nos abre precedentes para uma reflexão ética, que tem a ver com o real significado do que seja aquilo que chamamos de tratamento digno do Ser humano, enquanto Ser. Essa resposta, e mesmo a maneira de MLP encarar os problemas no âmbito das questões sociais, de alguma forma se alinha com o pensamento da filósofa francesa Simone Weil, teórica que venho pesquisando para minha tese de mestrado. Conforme a resposta dada, perceberemos que, o ideal de qualidade de vida, só se obtêm à partir dessa prerrogativa, ou seja esse é o único caminho a seguir.

Rosângela Romualdo de Lorena é brasileira, Professora do Ensino Fundamental, formada pela Escola Normal Superior do Estado de São Paulo. É formada em Teologia, com Especialização em Missiologia, é musicista, tem Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP. Atualmente está cursando o mestrado em Filosofia nesta Universidade, e exercendo o pastorado na Igreja Evangélica do Cercal do Alentejo.

Paula Luís: As Novas Oportunidades: uma oportunidade de uma Cidadania renovada

Em Portugal, nos últimos quarenta anos, quer o sistema educativo, quer o conceito de Educação têm merecido uma atenção constante e crescente, tendo progressivamente assumido um papel determinante na política nacional.

Em 1974, a taxa de analfabetismo da população portuguesa era superior a 50% e a maioria da população alfabetizada não concluía a escolaridade mínima obrigatória, verificando-se um acentuado abandono escolar. Quer a sociedade civil, quer os organismos estatais dedicaram esforços e atenção no sentido de inverter esta situação de défice de formação da população e, dando continuidade à reforma iniciada por Veiga Simão, procuraram garantir a toda a população o direito à educação e o acesso à informação e à cultura. Nos anos oitenta, surgiu o ensino complementar nocturno, diversificaram-se os cursos tecnológicos, e, no final da década, nasceu o ensino profissional. Outras reformas, novas alterações, a mudança de programas e de planos de estudo

caracterizaram a última década do século XX em Portugal. Porém, no limiar do novo século, quer ao nível dos países da OCDE, quer ao nível da União Europeia, o país apresentava ainda baixos níveis de escolarização e uma população activa pouco qualificada, ou seja, homens e mulheres que não tinham garantidos o direito à educação, à informação, à cultura e, conseqüentemente, ao exercício da sua cidadania.

O programa Novas Oportunidades, apresentado em Setembro de 2005 em Portugal, sob o lema «Aprender Compensa», resultou da tomada de consciência de que a qualificação da população portuguesa é fundamental para o crescimento económico, constituindo-se como um meio de promover mais emprego e maior coesão social e, por isso, mais cidadania. Assim, apesar de toda a controvérsia que tem gerado, esta iniciativa motivou a adesão de milhares de portugueses e de portuguesas ao programa Novas Oportunidades que, a partir da sua história de vida, procuram o reconhecimento dos seus saberes. No processo de reconhecimento e validação de competências, homens e mulheres tomam consciência de si, dos outros, das suas necessidades formativas, do desejo de se valorizarem e de assumirem a sua cidadania activa e responsável pelo futuro. Salienta-se também a aproximação irreversível entre a Escola, os Centros de Novas Oportunidades e o tecido empresarial, o que resulta numa maior valorização do saber prático e profissional e na sua ligação ao conhecimento científico. Existe efectivamente a oportunidade de se concluírem percursos formativos interrompidos por razões familiares, económicas ou profissionais, o que permite ao sujeito a renovação da sua esperança no futuro e a apropriação do seu papel como actor no espaço pessoal, social e profissional. Isto é, aderindo ao processo, homens e mulheres conquistam uma nova oportunidade de recriar o conceito que têm de si e de renovar a sua cidadania.

A análise da dinâmica do Centro de Novas Oportunidades da Escola Secundária de Gago Coutinho, que nasceu de um protocolo estabelecido entre o Ministério da Educação, o Ministério do Emprego e da Solidariedade Social, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e as Oficinas Gerais de Manutenção Aeronáutica, SA., constitui-se como um meio de reflectir sobre o impacto do Programa Novas Oportunidades na população e sobre a importância do método autobiográfico para a conquista de uma nova cidadania.

Paula Luís é licenciada em Português-Inglês pela Universidade de Évora e mestranda do Curso «Questões de Género e Educação para a Cidadania». Docente do Ensino Básico e Secundário. Desde 2007 desempenha funções de Profissional RVCC do Centro de Novas Oportunidades Gago Coutinho e, desde 2008, de Mediadora de Cursos de Educação e Formação de Adultos (nível secundário), tendo participado no Projecto ALI – desenvolvido no quadro do Projecto Grundtvig e no âmbito da Educação ao longo da Vida (Lifelong learning

M^a do Céu Pires: *O conceito de esfera pública no pensamento de Adela Cortina*

Pretende-se com este trabalho uma aproximação à noção de esfera pública no pensamento de Adela Cortina, procurando esclarecer-se a sua relação com a

noção de sociedade civil e questionando-se o seu contributo para a possibilidade de uma ética pública.

Não limitando a humanidade à dimensão da cidadania, pois cada ser humano é, antes de tudo, pessoa, a obra de Adela Cortina expõe a preocupação por aquilo que a autora considera serem três dimensões irrenunciáveis do humano: ética, política e religião. E, olhando para qualquer um desses aspectos, pode-se constatar que o mundo não está configurado à dimensão do humano e que as “promessas” da modernidade se encontram, em boa parte, por realizar. Abordar-se-á, assim, de um modo breve, as várias “sombras” que a autora de uma maneira muito crítica e demolidora aponta à actual forma de estar e de organizar as sociedades humanas. O desencanto pela política, a anomia, a “desmoralização”, a “miséria do individualismo”, o “eticamente correcto” são, em várias obras, nomeadamente em “*Hasta un pueblo de demónios*”¹ retratados de uma forma crua e com acentuada noção da realidade.

Tentar-se-á mostrar que a este duro diagnóstico, se seguem algumas perspectivas. A autora aponta uma nova forma de entender as relações estado/sociedade civil e a necessidade de uma ética pública. A noção de sociedade civil sugere, claramente, um conceito de esfera pública que é inovador. O público é entendido como espaço da intersubjectividade e como aquilo que é objecto de deliberação, pois cada ser humano é um interlocutor válido, capacitado para decidir, a partir da perspectiva da universalidade, sobre as normas que o afectam. A noção de esfera pública remete, igualmente, para um novo conceito de cidadania que inclui a vertente social, económica e cosmopolita, suporte de uma democracia radical.

M^a do Céu Pires é licenciada em Filosofia pela universidade de Lisboa e Docente do Ensino Secundário. Está a terminar o Mestrado em Filosofia na Universidade de Évora.

¹ CORTINA, Adela, *Hasta un pueblo de demónios, ética pública y sociedad*, Madrid, Turus, 1998

27 de Junho
Colégio Espírito Santo, sala 131 – Évora

10.00 h – Maria do Céu Cunha Rego : *A dimensão do Cuidar no espaço do Direito*

- 1 - Uma tese: Só com igual partilha do cuidar se garantirá o direito da igualdade de mulheres e homens
- 2 - As inconsistências: Alguns indicadores da normatividade jurídica violada pela normatividade social
- 3 - O diagnóstico: As mulheres trabalham mais tempo do que os homens e têm menos rendimento do que eles
- 4 - Algumas armadilhas: Pretensas melhorias do direito na maternidade e na paternidade
- 5 - Uma proposta homenageando Maria de Lourdes Pintasilgo, nos 60 anos do Conselho da Europa: O reconhecimento jurídico consequente do direito fundamental ao cuidado e do igual dever de homens e mulheres prestarem cuidados à família

Maria do Céu da Cunha Rêgo é Jurista, Formadora na área da Igualdade de Homens e Mulheres.

Membro do Conselho de Administração do Instituto Europeu para a Igualdade de Género.

Ex-Secretária de Estado para a Igualdade

Ex-Presidente da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego

Ex-Vice-Presidente da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres

11.30 h – Irene Borges Duarte: A fecundidade ontológica da noção de cuidado

Desde o último quarto do século XX que a noção de cuidado e do cuidar tem vindo a aparecer cada vez mais insistentemente quer no âmbito da filosofia, quer no do mundo da vida. No espaço público – que este colóquio coloca no centro da sua atenção – o “cuidar” é conceptualmente introduzido como elemento ou via de “re-significação”, ou seja, se bem entendo, como categoria susceptível de servir de princípio para uma compreensão nova da realidade estruturada na convivência, que até agora tem sido basicamente integrada, de uma ou outra maneira, na esfera do social ou do político. Atender à perspectiva do cuidar significaria, então, tecer uma outra teia de relações de interacção entre os seres humanos entre si e, eventualmente, com o seu *oikos*, que sem ser alheia à irrecusável teorização sociopolítica, pudesse constituir uma alternativa hermenêutica à pura factualidade desta e alcançar, assim, um outro patamar de compreensão do humano. É neste sentido que creio poder

contribuir, ao propor-me pensar convosco a noção de cuidar, partindo da análise ontofenomenológica surgida com Martin Heidegger.

Que Heidegger nos possa servir de ajuda nesta pesquisa reside no facto da sua compreensão do cuidado (*Sorge*) como ser do *Dasein*, enquanto este é simultaneamente âmbito de *abertura* ontológica ou “aí” (do ser), exercício de *ser* (em que o ser se dá, guarda e aguarda) e *vínculo* estrutural que se manifesta fenomenologicamente como temporalidade. Nunca é, em Heidegger, um eu, indivíduo ou pessoa, que cuida de si, mas apenas um *Selbst*, alguém que se sabe e se sente um Mesmo – o que implica a experiência, consciente ou tácita, da diferença entre si e um/os Outro(s) – no seu ser e estar com outrem no mundo, em que reside, à beira de tudo quanto aí lhe vem ao encontro e de que cuida... ou descuida, ao fazer pela própria vida.

Vou tentar, por isso, fazer convosco um caminho fenomenológico: mostrar como chega à palavra o ser-no-mundo à nossa maneira de humanos – entes que trazem em si o ser de tudo quanto há. Percorrerei os seguintes passos fenomenológicos: o primeiro, aparentemente linguístico, procurará mostrar o que se oculta sob a palavra-temática do “cuidado”; o segundo, aparentemente filológico, recuperará a tão conhecida e banalizada fábula, que Heidegger recordou, da “cura”; o terceiro, aparentemente histórico-filosófico, que explicitará os meandros da compreensão do cuidado como desdobramento ontológico do conceito husserliano da intencionalidade; o quarto, aparentemente de especialista em Heidegger, que apresentará, com a parcimónia adequada, as implicações da noção heideggeriana de cuidado, nos seus diferentes âmbitos de aplicação; o quinto, enfim, aparentemente conclusivo, em que se afirmará, numa perspectiva contemporânea, a fecundidade ontológica da noção de cuidado.

No fundo, só pretendo dizer o seguinte: a categoria fenomenológica do cuidado, enquanto “existenciário”, introduz na história - não tanto da filosofia como do ser –, pela primeira vez, a consideração da responsabilidade ontológica intrínseca aos humanos, não para consigo mesmos (individual ou colectivamente) mas para com o ser de tudo quanto há. O que só pode aparecer, na sua ingente humildade, na era dos deuses em fuga, na época da morte de Deus. Única esperança de um mundo Outro.

Irene Borges-Duarte é Professora associada na Universidade de Évora (Portugal), doutorou-se em Madrid, em 1994, na Universidade Complutense, onde leccionou de 1992 a 1996. Investigadora em Mainz (Kant-Forschungsstelle) e Freiburg im Breisgau. Desde 1998, coordena, no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, o Projecto “Heidegger em Português” e a edição da Obra de Martin Heidegger, inaugurada com *Caminhos de Floresta* (2002) e continuada com *Lógica. A pergunta pela essência da verdade* (2008), na Fundação Calouste Gulbenkian. Também traduziu de Heidegger, *O Conceito de Tempo* (2003) e outros escritos breves, além de textos de Reinhold, Eberhard, Gadamer e von Herrmann, entre outros. Outras publicações: *Luis de Molina regressa a Évora*. (Ed.) Évora, 1998; *La Presencia de Kant en Heidegger*, Madrid, 2001; *A Natureza das Coisas e as Coisas da Natureza. Um estudo da ‘Crítica da Razão Pura’*, Lisboa, 2006; *Heidegger, Linguagem e Tradução* (Ed. em colaboração), Lisboa, 2004; *A Morte e a Origem. Em torno a Heidegger e a Freud* (Ed.), Lisboa, 2008.

10 de Julho Fundação Calouste Gulbenkian

11.30 h – Regina Tavares da Silva: A dimensão do cuidar nas prioridades da comunidade internacional: os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio

Proposta de reflexão sobre a dimensão do cuidar a nível do pensamento institucional da comunidade internacional, traduzido na sua visão de futuro e em consensos estabelecidos na definição de grandes prioridades do mundo do nosso tempo.

Sendo obviamente uma proposta de análise ambiciosa – uma ambição literalmente do tamanho do mundo - centrar-se-á essa reflexão no significado dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, definidos na Cimeira do Milénio no âmbito das Nações Unidas em 2000.

Efectivamente, a dimensão do cuidar traduz-se numa multiplicidade de aspectos que resultam do centrar na Pessoa, nas suas necessidades, interesses e aspirações, atravessando, portanto, as áreas da educação, da saúde, das questões ligadas ao desenvolvimento, do combate à pobreza, da defesa do ambiente, etc., sendo áreas de preocupação e de acção que envolvem vários fora e organizações, agências e de programas.

A definição dos grandes objectivos definidos para o milénio vem na esteira do debate e planos de acção acordados nas grandes Conferências Mundiais das Nações Unidas da década de 90 (Rio, Cairo, Copenhaga, Pequim, etc.), as quais foram momentos importantes de reflexão da comunidade internacional, no seu conjunto, sobre os grandes problemas do nosso tempo.

Questões ligadas ao ambiente e ao desenvolvimento - não apenas económico mas também social e humano, isto é, o desenvolvimento pleno e sustentado - aos direitos humanos, às questões da população, à situação das mulheres e da igualdade de género, à situação das crianças, entre outras, foram objecto de discussão, de declarações e de compromissos e programas de acção.

Esta reflexão conjunta de uma década, por parte da comunidade internacional, culminou na Cimeira do Milénio e traduziu-se nos princípios da Declaração do Milénio e nos referidos Objectivos, com um particular ênfase na erradicação da pobreza, em aspectos fundamentais de educação e saúde, de salvaguarda do ambiente e da qualidade de vida, na cooperação e na solidariedade, enquanto dimensões instrumentais para todos os combates por um futuro melhor e mais humano. Entre estes Objectivos inclui-se também a igualdade de género e o empoderamento das mulheres, como objectivo estruturante que perpassa e de algum modo condiciona a realização de todos os outros

Todas estas dimensões são linhas de força essenciais numa óptica de cuidado, em que se pretende fazer do mundo um lugar melhor para nós no presente (educação, saúde, pobreza) e para todos no futuro (ambiente e natureza)

Dimensões estas que estão em consonância com o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, que se pretende homenagear. Em consonância com a defesa que fez dos direitos sociais que, para além dos direitos civis e políticos

mais habitualmente objecto de compromissos políticos, asseguram a possibilidade de fruição de todos os outros direitos e que permitem a construção de um mundo melhor, mais justo, mais humano e equilibrado, e também mais democrático e igualitário. Em consonância também com a visão inovadora que defendeu da ética do cuidado numa perspectiva de valorização do feminino e das tarefas tradicionais do mundo do privado, agora legitimadas no espaço público global.

Regina Tavares da Silva foi Presidente da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, Presidente de diferentes Comitês internacionais ligados às questões da Igualdade e, actualmente, Consultora das Nações Unidas e Conselho de Europa.

15.00 h. – Fernanda Henriques: Cuidado e Justiça: duas ideias reguladoras

O cuidado é um tema importante no debate feminista. Corporiza toda uma perspectiva teórica com implicações em todos os quadrantes da reflexão e da intervenção socio-política.

Ao nível da reflexão ética, as éticas do cuidado tendem a configurar-se em oposição ao que se convencionou chamar éticas da justiça.

Integrado no Projecto, *Mulheres, Ética e Espaço Público*, o presente trabalho tem dois objectivos principais:

- Mostrar as limitações e a unilateralidade da noção de cuidado tomada como um absoluto ponto de vista
 - Legitimar a necessidade epistemológica de se atender à interligação da noção de cuidado com a de justiça
-

Fernanda Henriques é Docente na Universidade de Évora, desde 1995 e Doutorada em Filosofia, na área da Filosofia Contemporânea, pela mesma Universidade, com uma tese sobre Paul Ricoeur.

É membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida e vice-presidente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres. Faz, igualmente, parte do Conselho Editorial da Revista *ex aequo*, desde a sua fundação em 1999.

Várias publicações individuais, bem como participação em obras colectivas, nas áreas da Filosofia Hermenêutica, da Filosofia da Linguagem e dos Estudos sobre as Mulheres, quer nacionais quer estrangeiras.

16.15 h – Isabel Allegro de Magalhães: A Dimensão do Cuidar e a Re-significação do Espaço Público no Pensar e Agir de Maria de Lourdes Pintasilgo

Cuidar e espaço público são duas componentes fortes do pensamento de MLP. Nesta breve reflexão, procuro dar a ver alguns dos conteúdos que considero centrais em cada uma delas e seus modos de articulação, ao mesmo tempo que chamo a atenção para algumas linhas de permanência que me parece estruturarem a constante novidade no pensamento e suas formulações.

Isabel Allegro de Magalhães é prof^a catedrática, literatura comparada, na Universidade Nova de Lisboa. Vários livros de ensaio literário, cerca de oitenta ensaios publicados, em Portugal e outros países (áreas: literatura, identidades, questões de ética, política, religiões). Membro de comités de investigação internacionais no âmbito da literatura comparada, prof^a convidada em universidades estrangeiras, europeias e outras, orientação de trabalhos de investigação em Portugal e outros países. Anos 90-2000, investigadora associada do (CES). Coordenação da rede internacional Graal “Towards a new ethos”. Direcção de Programas GRAAL de Intervenção Cultural, Lisboa, de *Publicações–Terraço*. Co-Presidente, com Mário Ruivo, do MPPM (Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e a Paz no Médio-Oriente). Membro do Tribunal de Opinião, sobre decisões da Cimeira Europa África e Forum da Sociedade Civil.